



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

ANA CLARA AZANHA DO NASCIMENTO

AMORES E EROTISMOS ENTRE MULHERES PELOS FIOS DA LINGUAGEM:
uma análise crítica da Grécia Antiga articulada à contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

**SÃO PAULO
2023**

ANA CLARA AZANHA DO NASCIMENTO

AMORES E EROTISMOS ENTRE MULHERES PELOS FIOS DA LINGUAGEM:
uma análise crítica da Grécia Antiga articulada à contemporaneidade

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da PUC-SP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Mary Jane P. Spink.

SÃO PAULO
2023

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, debruçei-me sobre um aspecto da vida cotidiana que me transtorna a carne de forma visceral: a afetividade. Com o mesmo êxtase com que abordo este tema, inicio esta página de agradecimentos: movimentada, borbulhada e bagunçada pelo prazer de cada encontro.

Escrevi este trabalho com um coração de carne vermelha, crua e latina, e carreguei comigo, na elaboração de cada parágrafo, as pulsações de tantos outros que estiveram nessa caminhada comigo, me emprestando o aconchego, o conforto e o apoio quando necessário. Assim, agradeço imensamente:

À minha mãe Denise e ao meu pai Luiz. Obrigada por todos os pedacinhos de vocês que, por amor ou osmose, ganharam poltronas vermelhas no meu coração. Se tremo de indignação e carrego nos olhos o brilho da convicção política revolucionária, devo aos ensinamentos mais humanos, sensíveis e potentes que vocês me proporcionam.

À minha irmã Ana Lais, tanto pela leitura crítica, paciente e sempre impecável de textos meus, mas, acima de tudo, pela sorte inigualável do nosso estar-junto: que especial é gargalhar-a-vida no volume mais alto ao seu lado!

Às professoras e aos professores da graduação da PUC-SP, que me possibilitaram enxergar a Psicologia por lentes éticas, críticas e comprometidas com um fazer psi combativo. À minha orientadora, a Professora Mary Jane, que com tanta cautela orientou os nortes deste trabalho – agradeço imensamente pela confiança e pela presença. À Professora Beatriz Brambilla, por me ensinar a desobediência, a insubmissão e, acima de tudo, a sonhar coletiva e afetivamente. À Professora Edna Kahhale, por todos os ensinamentos compartilhados durante a construção da minha primeira pesquisa.

À vó Amenaide e ao vô Augusto, por quem não escrevo vírgula alguma sem me debulhar em lágrimas: guardo no peito as memórias mais amadas e queridas com vocês. Juntamente a eles, agradeço à vó Lais e ao vô João, por me ensinarem a imaginar, criar, questionar, e, acima de tudo, amar de formas que só avós podem fazer. Agradeço também à vó Lais pela tradução de textos necessários para a construção deste trabalho.

A Teté, minha parceira de toda uma vida, com quem divido uma história recheada de segredos, sonhos e afetações. Obrigada por permanecer sempre ao meu lado e por ser, pra mim, um ponto completamente fora da curva. Agradeço também à sua família, que considero uma extensão da minha.

Ao meu amor, Mariana, por me cuidar sempre e tanto. Meu denço, obrigada por tornar nosso amor uma poesia cantada que me contagia a alma! Construir vida ao seu lado é contagiante – você me inspira a rir, amar e transformar o entorno. Dedico a você os amores e todas as formas de resistência que habitam as linhas dessa pesquisa.

Às pessoas que constituem minha rede de apoio: Lu, Kiks, Zi, Bebê e Bru, que com suas tantas singularidades me levam a um mesmo caminho do fascínio pelo companheirismo e cuidado. À Kiq, pela preciosidade incalculável de tudo que é nosso e por cada pontinho de inspiração que você me suscita. À Martinha, Quim e Gabi, por dividirem os encantos da Psicologia comigo desde o primeiro ano. Ao Leo, por todas as vezes que acreditou em mim em momentos que eu jamais conseguiria – saiba que é muito recíproco.

À Psicóloga Bateria, entidade que me provocou as alegrias mais intensas e os ensinamentos mais valiosos ao longo desta jornada de graduação. São poucas as palavras possíveis para descrever o carinho por tudo que vivi e concretizei na sorte dessa coletividade. Agradeço imensamente as amizades, os acolhimentos e o contágio de amor ao samba e às raízes da cultura brasileira.

Às trabalhadoras e trabalhadores da faculdade e demais serviços no campus, tanto pelo trabalho que torna possível a produção acadêmica quanto pela gentileza em todas as trocas. Em especial à Emily e ao Victor: vocês me ofertaram nos dias mais difíceis as risadas mais leves.

Ao None, à Piguza, à Mimi, à Minu e à Nunuca.

Tudo aquilo que não é nomeado, que não é representado em imagens, tudo o que é omitido de biografias, censurado em coleções de cartas, que é erroneamente chamado de outra coisa, que é difícil de encontrar, que está enterrado na memória pelo colapso do significado sob uma linguagem inadequada ou mentirosa – isso se tornará não apenas não dito, mas indizível.

(Adrienne Rich, 1979, p. 199)

RESUMO

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – Psicologia

Azanha do Nascimento, Ana Clara. Amores e erotismos entre mulheres pelos fios da linguagem: uma análise crítica da Grécia Antiga articulada à contemporaneidade.

O presente trabalho parte da constatação de que narrativas hegemônicas cisheteronormativas e racistas têm promovido a marginalização de mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres, conduzindo a um apagamento histórico milenar que obstaculiza a emancipação subjetiva, coletiva e política dessa população. Destarte, a pesquisa em questão tem como objetivo a historicização e análise crítica dos amores e erotismos entre mulheres na Grécia Antiga, bem como suas ressonâncias na contemporaneidade. Para tal, adotou-se a perspectiva materialista histórica-dialética. Foram investigadas as determinações materiais dos erotismos antigos, em especial as estruturas da escravidão e da democracia como sustentáculos do modo de produção e reprodução social, e, por fim, os discursos eróticos presentes nos fragmentos poéticos mélicos da autora arcaica Safo de Lesbos. O diálogo entre Antiguidade e contemporaneidade se deu pela articulação entre os fragmentos de Safo e as contribuições de Audre Lorde, autora que versa sobre a poesia e erotismo por meio de uma leitura crítica e interseccional pautada pela denúncia ao sistema capitalista, racista e heteronormativo. Ao final da pesquisa, evidenciou-se que a escrita sáfica pode contribuir para uma interrupção da reprodução social violenta que negligencia os avanços nos direitos sexuais, de saúde e assistência a este grupo invisibilizado. Destaca-se, assim, a relevância da escrita erótico-afetiva feminina como produtora de memória e resistência, em um movimento revolucionário de insubmissão política que resiste ao longo das gerações.

Palavras-chave: história das sexualidades sáficas; memória social; resistência política.

ABSTRACT

Azanha do Nascimento, Ana Clara. Love and eroticism between women through the threads of language: a critical analysis of Ancient Greece articulated with contemporary times.

The present work starts from the observation that hegemonic narratives, which are cis-heteronormative and racist, have promoted the marginalization of women who are involved in emotional and/or sexual relationships with other women. This has led to a millennia-long historical erasure that hinders the subjective, collective, and political emancipation of this population. Therefore, the research in question aims to provide a historical and critical analysis of love and eroticism among women in ancient Greece and their resonances in contemporary times. For this purpose, a historical-dialectical materialist perspective was adopted. The material determinations of ancient eroticisms were investigated, with a special focus on the structures of slavery and democracy as pillars of the mode of social production and reproduction. Additionally, the erotic discourses present in the melic poetic fragments of the archaic author Sappho of Lesbos were examined. The dialogue between antiquity and contemporaneity was achieved through the connection of Sappho's fragments with the contributions of Audre Lorde, an author who discusses poetry and eroticism through a critical and intersectional lens, informed by a critique of the capitalist, racist, and heteronormative system. At the end of the research, it became evident that Sapphic writing can contribute to interrupting the violent social reproduction that neglects advancements in sexual rights, health, and support for this marginalized group. Thus, the significance of women's erotic-affectionate writing as a producer of memory and resistance is underscored, as it represents an act of political insubordination that endures through generations.

Key-words: sapphic sexualities history; social memory; political resistance.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
Apresentação da pesquisa.....	13
2. OBJETIVOS	14
3. METODOLOGIA	
3.1 Fontes bibliográficas.....	15
3.2 Análise crítica.....	16
3.3 Limitações.....	17
4. RESULTADOS	18
4.1 Grécia Antiga: a trans-historicidade da escrita de realidades inexportáveis.....	19
4.2 A sexualidade sáfica grega.....	22
4.2.1 Determinações materiais das sexualidades antigas.....	22
4.2.2 Entre o íntimo, o identitário e as instituições (extra)conjugais.....	24
4.2.3 O eros Sáfico.....	29
5. DISCUSSÃO	
5.1 A resistência não é um luxo: as ressonâncias sáficas em Audre Lorde.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	

1. INTRODUÇÃO

A história da humanidade, ao longo de seus muitos capítulos, tem sido redigida por uma tinta regada a sangue, propriedade de uma classe dominante autodeclarada universal. Essa escrita segue um ciclo de naturalização dos sujeitos e fatos históricos: Camadas populares marginalizadas são apagadas e compreendidas como não naturais, e, portanto, não pertencentes à história, sendo citadas excepcionalmente para tratar de casos ditos desviantes e anormais.

Relegadas às notas de rodapé da História, as mulheres têm sido submetidas a inúmeras – e muitas vezes invisíveis – violências em todo o globo terrestre. O relatório “*Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil*”, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Instituto de Pesquisas Datafolha (2023), ilustra as desigualdades de gênero na estrutura social brasileira. Segundo o documento, 18,6 milhões de mulheres sofreram algum tipo de violência ou agressão no ano de 2022, sendo 65,6% destas mulheres, negras. A brutalidade é expressa, também, no que tange à lesbianidade no país: As informações apresentadas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) indicam que 2.379 lésbicas foram estupradas no ano de 2017, totalizando 6 estupros por dia. Dentre os casos notificados, mulheres negras representaram 58% das vítimas. O cenário de crescimento acentuado das violências físicas e sexuais também contribui para uma piora da saúde psicológica da população feminina e da população lésbica, revelando uma condição de vulnerabilidade e um significativo atravessamento racial.

O olhar para essas vivências permite a percepção de uma simultaneidade de opressões. A teoria social crítica, notadamente na perspectiva interseccional proposta por Patricia Hill Collins (2021), debate esta questão: Na perspectiva da autora, a interseccionalidade se configura como uma ferramenta analítica para a investigação da influência das relações de poder nas relações sociais e individuais em sociedades marcadas pela diversidade. As categorias de poder não são, portanto, excludentes, mas sobrepostas, moldando-se mutuamente de maneira unificada (Collins, 2021, p. 6). Nesse sentido, o sofrimento relacionado ao preconceito em razão da orientação sexual vivenciado por mulheres é recheado de camadas, não sendo composto somente por experiências lesbofóbicas, bifóbicas ou panfóbicas, mas, também, por atravessamentos misóginos, racistas, transfóbicos e classistas, que acarretam um quadro de intenso sofrimento psíquico para o qual não há respaldo de políticas sociais de assistência e saúde, uma vez que as políticas públicas brasileiras têm sido objeto de desfinanciamento e sucateamento no país (FBSP, 2022).

O nó que entrelaça opressões de raça, classe, gênero e sexualidade acomete mulheres aqui denominadas como sáficas. A escolha pelo termo “sáfica” não foi feita de forma a ignorar o candente debate presente na comunidade LGBTIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Intersexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binários e mais) acerca da obliteração da palavra “lésbica”. Pelo contrário, a lesbianidade, em suas diversas expressões, é reivindicada no corpo teórico deste trabalho, dando espaço para o termo “sáfico” para que se possa garantir a inclusão de diferentes orientações sexuais vivenciadas por mulheres que se relacionam com mulheres, englobando tanto mulheres lésbicas, bissexuais e panssexuais quanto outras configurações afetivo-sexuais não nomeadas em diferentes momentos da história. Assim, expressões como “mulheres que se relacionam com mulheres”, “mulheres que amam mulheres”, “relações homoafetivas/homoeróticas” serão utilizadas visando abranger todas as pessoas que se identificam com o gênero feminino e que se atraem, se envolvem ou se apaixonam de forma romântica por outras mulheres. Pretende-se, aqui, o resgate dessas histórias negligenciadas e a construção de novos sentidos acerca dessa memória.

Uma reescrita das narrativas sáficas exige uma leitura implicada, comprometida com um processo de historização. Assim, a primeira tarefa para a produção de história sobre as sexualidades e paixões femininas deve ser questionar sua autoria: Quem detém o privilégio da palavra e tem sido responsável por promover uma norma hegemônica? O que se observa é que tanto a sexualidade quanto a afetividade femininas são moldadas por uma perspectiva cisheteronormativa¹ e monogâmica que evidenciam a fabricação ideológica das classes dominantes, igualmente moralistas e controladoras. Estes dispositivos, calcados na lógica patriarcal, atuam como determinações essenciais de formações econômico-sociais (Heleith Saffioti, 1976). Não por acaso as fontes históricas das quais se absorvem as informações, bem como as posteriores produções de dogmas e ideologias discriminatórias, foram majoritariamente produzidas por homens brancos, de alto nível hierárquico na estratificação social e, não raras vezes, atravessados por valores eclesiais.

A produção destas histórias tem como ferramentas primordiais as tecnologias de aniquilação. Visando a manutenção do capitalismo, que se sustenta no patriarcado, na

¹ A cisheteronormatividade representa a fusão entre os sistemas de naturalização da heterossexualidade e da cisgeneridade. Essa estrutura normatiza, legitima e prioriza a heterossexualidade como padrão relacional e a cisgeneridade como a identidade de gênero “naturais”, em detrimento de outras orientações sexuais e identidades de gênero que, marginalizadas, são consideradas desviantes e ilegítimas. Essa perspectiva, alimentada pela dinâmica do capital, serve como sustentáculo para a opressão patriarcal e LGBTIA+fóbica, invisibilizando e violentando a diversidade afetiva, sexual e identitária por meio da definição de padrões do que significa ser mulher ou homem e de quais formas estes sujeitos, categorizados de forma binária, devem se relacionar com seus pares.

misoginia, na cisheteronormatividade e no racismo, as tecnologias de isolamento e degradação de mulheres identificadas como dissidentes em termos de orientação sexual têm sido atualizadas ao longo da história, a depender das demandas do capital presentes em cada período ou região. No Brasil, líder mundial no ranking de assassinatos de pessoas da população LGBTIAPN+, como indicado no Dossiê “Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil” de 2022, são múltiplas as inflições de tecnologias do capitalismo incrementadas em prol de uma soberania da aniquilação da diferença. Estas podem ser localizadas em quatro pilares: a medicina, a religião, a justiça e a memória.

As instituições médica e religiosa entrelaçam as histórias da loucura e da sexualidade femininas ao compartilharem atitudes consonantes por meio da patologização psiquiátrica e da recriminação religiosa, promovendo a marginalização social e, algumas vezes, a internação de mulheres consideradas desviantes. Ademais, o território brasileiro segue sendo protagonista de escândalos de manutenção do manicomialismo em instituições que camuflam a tortura e a estigmatização, quando, ainda no século XXI, debate-se a classificação das expressões de orientação sexual como transtorno mental. Segundo Aragusuku e Lara (2019), a Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), responsável pela proibição da patologização da homossexualidade, vem sendo disputada por grupos conservadores que pleiteiam uma “Psicologia Cristã”. Os discursos difundidos por estes grupos alegam que as diversidades sexuais e de gênero contribuem para a descaracterização da família, da moral e dos princípios cristãos que supostamente fundamentam a sociedade brasileira.

O poder jurídico, por sua vez, se manifesta no Estado de forma a tornar crime o envolvimento afetivo e/ou sexual entre pessoas do mesmo gênero, possibilitando que, atualmente, o amor e sexualidade dissidentes sejam passíveis de pena de morte em treze países (Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil, 2022). Apesar do país não entrar nessa lista, os assassinatos contra homossexuais são mais numerosos no Brasil do que em países onde a prática das sexualidades dissidentes é criminalizada com pena de morte (Nogueira, Pereira & Toitio, 2020). Vale ressaltar, ainda, que o direito ao casamento homoafetivo, assegurado por decisão do Supremo Tribunal Federal,² vem sofrendo ataques

² A decisão pelo reconhecimento jurídico da união homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal ocorreu devido ao julgamento de duas ações: A Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n.º 132, que foi impetrada por Sérgio Cabral, então Governador do Rio de Janeiro, em 2008. O governador reivindicava uma nova interpretação dos artigos 19 (incisos II e V) e 33 da Constituição Brasileira, visando a exclusão de “qualquer intelecção desfavorecedora da convivência estável de servidores homoafetivos, em comparação à tutela juridicamente conferida à união igualmente estável de servidores heterossexuais”. No ano seguinte, foi tentada a Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º 4227, pelo Procurador Geral da República, que visava a atribuição da interpretação da Constituição Federal ao art. 1.723. Ambas as ações foram julgadas no dia 05 de maio de 2011, sendo a procedência dos pedidos obtida por unanimidade de votos (Leite, 2011).

em 2023 por meio de um projeto de lei submetido à Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, que visa vetar o casamento e a união estável entre pessoas do mesmo gênero (CNN, 2023).

A última dentre as tecnologias mencionadas que compõem o sofrimento imposto à população em questão consiste na impossibilidade de memória sobre a própria história. Estudos acerca da relevância da memória social afirmam que a representação de um grupo ao longo da história molda a construção de subjetividades de indivíduos identificados com ele, como, por exemplo, o caso das identificações de lésbicas e gays com figuras históricas da Antiguidade.

O que quer que possam desejar ou dizer os historiadores, os testemunhos que subsistiram das relações, dos desejos, das práticas e dos amores entre pessoas do mesmo sexo permanecerão importantes para as lésbicas e para os gays de hoje, bem como estarão presentes inevitavelmente em qualquer tentativa de se opor à dominação política e ideológica do heterossexismo nas sociedades contemporâneas. Nenhum historiador, por mais rigoroso, mais desinteressado e mais atento à alteridade do passado que seja, pode nem deve esperar impedir essa identificação emocional e política por parte das lésbicas e dos gays com a antiguidade grega e romana. (Halperin, 2022, p. 17)

David Halperin (2022) versa sobre a legitimidade das identificações com figuras do passado, qualificando-as como “necessárias, inevitáveis e politicamente vitais” – apesar de deslocadas. O *continuum* verificado, exposto de forma clara pelas identificações contemporâneas com figuras históricas, explicita a ininterrupta presença do passado no presente. Observam-se dois movimentos comuns: o de continuidade e o de descontinuidade. Por um lado, a continuidade da herança do passado expressa em amores e erotismos entre mulheres, que ocorrem desde os mais longínquos tempos, e, por outro, os movimentos descontínuos atrelados à legitimação e à memória dessas existências.

A menção persistente a figuras específicas, entretanto, também pode ser compreendida pela falta de outros elementos históricos que sustentam a perspectiva desnaturalizante da heteronormatividade. A presença constante da figura da poetisa Safo de Lesbos no que diz respeito às tradições sáficas, por exemplo, chama a atenção. Além de inspirar a etimologia das palavras mais utilizadas no seio desta tradição (*lésbica*³ e *sáfica*⁴), a poeta tem sido evocada com constância ao longo da história, de forma praticamente

³ Termo derivado da ilha de Lesbos, na Grécia, onde Safo nasceu.

⁴ Termo derivado do nome da autora, que designa tanto a obra de Safo quanto a cultura e identificação afetivo-sexual.

exclusiva.⁵ O estranhamento frente a essa continuidade prolongada não se deve à autora não representar um marco histórico-cultural de suma relevância, mas sim ao fato de a comunidade sáfica parecer ser a única a se voltar, em tamanha proporção e ao longo de tantos séculos, para uma figura tão distante – histórica e culturalmente. Por que não se vê homens heterossexuais se identificando tão fortemente com autores dos períodos Clássicos Grego e Romano, como Homero,⁶ ou mesmo homens gays reivindicando Cáriton?⁷

Segundo os pesquisadores Jean Baptista e Tony Boita (2017), a forma como cada grupo compreende seu passado determina seu posicionamento no presente e suas estratégias futuras. Diante disso, é plausível que a insistente retomada da poeta grega surja como uma estratégia de resistência às demais ausências de territórios, patrimônios e saberes. Sob a ótica dos autores, tais lacunas de afirmação de identidades podem gerar uma memória silenciada, fortalecendo a vulnerabilidade social do grupo em questão por meio da deslegitimação da sua existência. Antoine Idier (2018) articula as interações entre passado, presente e futuro como uma fonte de constituição identitária singular e coletiva. Entende-se, assim, a centralidade de um movimento triplo na constituição das identidades políticas e sexuais de grupos dissidentes, na medida em que são forjados por “condições de possibilidades herdadas do passado, apropriadas no presente e implantadas no futuro” (Idier, 2018, p. 01).

Os resultados encontrados por Idier na literatura francesa e descritos na introdução da obra “Archives des mouvements LGBT+: une histoire des luttes de 1890 à nos jours”⁸ (2018) são reflexo desse processo, que também é denunciado por autores brasileiros (e.g Quinalha, 2022): Em sua coletânea de documentos de minorias sexuais, o autor constata a insuficiência de registros e denuncia a impossibilidade de constituir a memória como elemento fortalecedor para a comunidade em questão. Argumentando sobre a indispensabilidade da politização histórica das lutas de minorias sexuais, Idier cunha o termo “inventário negativo” como um movimento combativo de contar a história pelas ausências, através de um mapeamento das lacunas do que ora não é documentado, ora é apagado.

⁵ No século II d.C, a autora mais comumente associada às práticas homoeróticas não era Safo, mas Filenes – uma autora/personagem cujas informações biográficas são escassas. Sua autoria é atribuída à escrita de um manual erótico da Antiguidade (Boehringer, 2022), mas sua referência não é comum na atualidade.

⁶ Homero é considerado o mais antigo poeta da Grécia e fundador da poesia épica. Apesar das informações acerca da sua existência e biografia serem controversas, compreende-se que tenha vivido por volta do século VIII a.C. Ao autor foram atribuídas a autoria das obras “Iliada” e “Odisseia”. Vale mencionar que o autor também escreveu obras com passagens hoje cunhadas como homossexuais, contudo, foi referenciado neste trecho por sua contribuição reconhecida no imaginário social ser majoritariamente associado aos heroísmos e tragédias gregas.

⁷ Cáriton de Afrodísias é identificado como um dos mais antigos escritores da Grécia. É autor da obra Quéreas y Calíroo, que conta a história erótica dos personagens Quéreas e Policarmo.

⁸ “Arquivos de movimentos LGBT+: uma história de lutas de 1890 até os dias atuais” em livre tradução.

A rota de fuga da escrita subversiva subsumida pelo “inventário negativo” ecoa as reflexões propostas por Paul Preciado (2020) acerca da desobediência frente à posição degradante à qual são sujeitos grupos subalternos.

(...) o que significa falar para aqueles a quem foi negado o acesso à razão e ao conhecimento, o que significa para nós, que fomos considerados doentes mentais? Com que voz podemos falar? (...) Falar é inventar a língua da travessia, projetar a voz numa viagem interestelar: traduzir nossa diferença para a linguagem da norma, enquanto continuamos a praticar em segredo um blá-blá-blá insólito que a lei não entende.” (Preciado, 2020, p. 25)

Observa-se, assim, que a tradição sáfica de agarrar-se à escrita poética como um dos principais elementos de sua cultura não constitui mera coincidência, e sim uma estratégia indispensável de resistência política pela palavra.

Apresentação da pesquisa

O presente trabalho de conclusão da graduação em Psicologia parte da invisibilização histórica feminina e sáfica, na medida em que o apagamento das vivências desta população acarreta representações reducionistas que distanciam mulheres que se relacionam com mulheres de uma emancipação subjetiva, coletiva e política.

Por esta razão, considerando a categoria “história” como elemento de suma relevância para a compreensão dos fenômenos humanos, este trabalho propõe a historicização da sexualidade de mulheres sáficas por meio de uma digressão à Grécia Antiga nos períodos arcaico e clássico. A escolha deste recorte territorial e histórico se deu tanto pela relevância da autora Safo de Lesbos no bojo da tradição sáfica, quanto devido ao epíteto de “berço da sexualidade” atribuído historicamente ao território. Vale ressaltar que esta descrição do território grego antigo não é reivindicada no trabalho, na medida em que se reconhecem as existências de vivências de outros povos e civilizações com igual relevância, contudo, foram consideradas a maior documentação referente ao período e a influência cultural nos campos político, filosófico, jurídico e artístico na cultura ocidental.

Este deslocamento visará elucidar o funcionamento das práticas afetivo-sexuais e seus significados políticos, proporcionando uma discussão acerca dos discursos de erotismos sáficos no período, especialmente por meio do estudo do papel do éros mélico e dos fragmentos de discursos amorosos da poetisa Safo de Lesbos. Trazendo os discursos sobre eros para a contemporaneidade, os elementos apresentados serão articulados à obra da

educadora, poeta e ativista negra e lésbica, Audre Lorde, com maior especificidade às suas contribuições teóricas "A poesia não é um luxo", escrita em 1977, e "Usos do erótico: O erótico como poder", escrito em 1978, ambos situados no livro "Irmã Outsider – ensaios e conferências" (2019).

Duas mulheres separadas pelo tempo, pelo território e pelas complexidades políticas e sociais de suas respectivas civilizações, aproximar-se-ão em uma travessia histórica da linguagem, por meio do registro poético de vivências marcadas pelos desejos, paixões, erotismos e amores por outras mulheres. Essa interlocução contradiz as barreiras temporais e geográficas e destaca a estratégia da escrita erótico-afetiva feminina como um ato de insubmissão política que resiste ao longo das gerações.

Se Safo funda a dimensão transgênero do erotismo, Lorde descreve o éros como fonte considerável de poder e informação, articulando a imposição de sua supressão à dominação racista e patriarcal. A autora reivindica, assim, o erotismo como elemento revolucionário para a ruptura com a opressão, abrindo as portas para uma leitura crítica e interseccional. A luta contra o patriarcado e suas correntes, inerente às vivências sáficas – sejam elas explícitas ou de dentro do armário⁹ – revelam que as experiências descritas pelas autoras são também universais a mulheres cujas orientações sexuais dissidentes não permitiram a escrita, a vida ou a memória. Punidas, degradadas, aceitas, amadas... mulheres sáficas também criaram e seguem criando verbos, inventando, nas palavras de Preciado, uma língua da travessia que, ao desafiar a normatividade, as mantêm vivas.

Produzir-se-á, assim, um inventário negativo crítico composto pelas narrativas subalternas sequestradas e silenciadas de escritoras que trataram, à sua maneira, do sentimento e da sedução entre mulheres, seja na Antiguidade, seja no século XXI. A análise desta discussão será fundamentada pela luz do materialismo histórico-dialético, de modo a investigar de que forma essas vivências e concepções de sexualidade se confundem, dialogam ou se misturam diante do modo de produção capitalista com viés ultraneoliberal em escalada.

2. OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo promover uma discussão crítica dos amores e erotismos de mulheres sáficas à luz de uma perspectiva materialista histórica-dialética. O

⁹ A expressão "estar dentro do armário", muitas vezes referida somente como "estar no armário," designa as circunstâncias de sujeitos da comunidade LGBTIAPN+ que, em razão da violência e discriminação social, mantêm suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero em segredo. "Estar dentro do armário", portanto, significa não expressar ou viver de acordo com sua identidade autêntica.

estudo propõe uma digressão à Grécia Antiga como forma de elucidar a historicização das práticas afetivo-sexuais femininas e seus significados políticos, de forma a investigar os discursos eróticos sáficos dos períodos arcaico e clássico, com foco particular nos fragmentos poéticos amorosos da autora Safo de Lesbos.

Estes elementos serão articulados às contribuições teóricas acerca da poesia e do erotismo de Audre Lorde, em “Irmã Outsider – ensaios e conferências”, a fim de resgatar o aspecto revolucionário anti-patriarcal e anti-racista do erotismo, bem como a potência estratégica da escrita erótico-afetiva subalterna. O trabalho visa, desta maneira, contribuir para a preservação da memória cultural das populações sáficas e, ainda, para a construção de uma estratégia emancipatória de mulheres que amam e se relacionam com mulheres.

3. METODOLOGIA

3.1. Fontes bibliográficas

A metodologia utilizada neste trabalho foi a análise crítica de um tema a partir de fontes bibliográficas distintas. Para tal, foram demarcados quatro eixos temáticos de estudo: (1) Memória e história LGBTIAPN+; (2) Determinações materiais das opressões de gênero e sexualidade; (3) Historiografia das homossexualidades femininas gregas, com foco na poesia de Safo e (4) Discussões acerca da poesia e do erotismo na obra de Audre Lorde.

Para o aprofundamento do debate acerca da memória e da história LGBTIAPN+, foram lidos o livro “Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX aos nossos dias”, de Renan Quinalha (2022); o artigo “Memória e esquecimento LGBT nos museus patrimônios e espaços de memória no Brasil” (2017), de Jean Baptista e Tony Boita; os capítulos “Sexualidade, diversidade e história e “História política do movimento LGBT”, da obra “O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais”, de Leonardo Nogueira, Maysa Pereira e Rafael Toitio (2020); e trechos da obra “Archives des mouvements LGBT+: une histoire des luttes de 1890 à nos jours”, de Idier, citado pelo primeiro livro e, no entanto, não disponibilizado em língua portuguesa¹⁰.

O segundo eixo também foi trabalhado por meio da leitura de Nogueira, Pereira e Toitio, em especial nos capítulos “Gênero e sexualidade: determinações materiais” e “Diversidade sexual e de gênero, revolução e socialismo – à guisa de conclusão”, que

¹⁰ A leitura dos trechos foi viabilizada pela tradução livre de Lais Sales do Nascimento, minha avó.

possibilitaram uma compreensão crítica do gênero e da sexualidade através de uma lente materialista histórica-dialética.

Para a construção do conhecimento acerca das sexualidades sáficas, foi realizada a leitura completa da parte “Sociedades Antigas: Grécia e Roma” do livro “Uma História das Sexualidades”, de Sylvie Steinberg (2021), e o capítulo “Mito e Poesia Lírica Arcaica: o Homoerotismo no Feminino”, incluso na obra “Homossexualidade Feminina na Antiguidade Grega e Romana”, de Sandra Boehringer (2022). Foram utilizados como materiais, também, a tese “Eros no oïkos: Relações de gênero e representações da espacialidade e da sexualidade feminina em Atenas do V século a.C.” (Magalhães dos Santos, 2018) e o artigo “Pólis e oïkos, o público e o privado na Grécia Antiga” (Florenzano, 2023). A seleção das fontes teve como prioridade a leitura de obras que pautassem a experiência entre mulheres ou, ainda, uma descrição da conjuntura política e social do período atrelada a questões de gênero.

Por fim, foi lida a obra “Irmã Outsider – ensaios e conferências” (2019), de Audre Lorde, cuja ênfase se deu nos capítulos “A poesia não é um luxo” e “Usos do erótico: O erótico como poder”.

As obras selecionadas para a pesquisa histórica foram eleitas de acordo com a confiabilidade das fontes, a relevância dos temas abordados para a pesquisa – buscaram-se majoritariamente fontes que abrangesse as vivências afetivas entre mulheres ou, ainda, uma descrição da conjuntura política e social do período atrelada a questões de gênero –, e a data de publicação.

Os ensaios de Audre Lorde, por sua vez, foram escolhidos em razão tanto da temática abordada por ambas as autoras (Safo e Lorde), quanto devido a postura emancipadora e revolucionária encontrada em suas obras, que aludem a uma compreensão política condizente com a linha norteadora deste trabalho. Ademais, argumenta-se que haja uma urgência no diálogo entre a Psicologia e epistemologias subalternas propostas por autoras oriundas de outras áreas do conhecimento, como é o caso da literatura e a política.

Todos os textos, com exceção do último grupo, foram fichados à mão, com breves resumos de trechos relevantes para a construção do trabalho.

3.2. Análise Crítica

Visando a superação das formas de produção de conhecimento positivistas-burguesas, "neutras e imparciais" e objetivando a escrita de histórias marginalizadas por essas narrativas, adotou-se a historicidade como instrumento para a construção de conhecimento acerca da categoria “sexualidade sáfica”. A perspectiva materialista histórico-dialética é utilizada como

lente investigativa dos amores e erotismos entre mulheres nos períodos da Antiguidade grega e da contemporaneidade. A abordagem fornece um direcionamento analítico abrangente, compreendendo os processos históricos de contradição espelhados em uma sociedade em movimento e conferindo à análise das estruturas sociais e econômicas um papel central. Reconhecem-se, a partir dela, os modos de produção, as distribuições de poder e as organizações sociais como categorias essenciais às condições de vida, inclusive no que diz respeito às dinâmicas do que se denomina *homossexualidade feminina* atualmente.

Segundo José Paulo Netto (2002), o materialismo histórico-dialético se dá pela articulação entre três pilares primordiais, quais sejam: o método, aspecto que permite a apreensão das camadas do real e suas múltiplas determinações; a teoria do valor-trabalho, que esmiúça o funcionamento histórico da sociedade capitalista (e, neste caso, das sociedades pré-capitalistas); e a perspectiva revolucionária surgida em meados de 1848/49 nos territórios europeus (não sendo estas, necessariamente, as primeiras movimentações de caráter revolucionário, mas as primeiras de caráter revolucionário-socialista). O método compreende que coexistem múltiplas determinações sobre a reprodução do real, ou seja, o real, como atividade humana sensível, é produzido de forma historicizada em condições historicamente determinadas. Desta maneira, a categoria “história” é, também, uma atividade humana sensível, compreendida como um encadeamento de constantes interações entre as determinações particulares e universais que contornam a singularidade do real em cada território, época e sociedade.

A escolha por uma análise crítica que valorize as contribuições da abordagem marxista sublinha a relevância de uma leitura que não abra mão das particularidades históricas de sociedades antigas, mas que, pelo contrário, direcione a uma práxis favorável à emancipação das classes oprimidas – neste caso, de mulheres identificadas como lésbicas, bissexuais, panssexuais e sáficas.

Dito isso, o presente trabalho é regido por métodos construídos por epistemologias subalternas que têm como direção uma ciência combativa às violências perpetradas pelo processo de exploração-dominação-opressão colonial incutido no seio social brasileiro nas instâncias política, religiosa, científica, cultural e econômica.

3.3. Limitações

As primeiras limitações encontradas no estudo da sexualidade sáfica na Antiguidade reside no acesso fragmentário a textos, especialmente de Safo, e a inexistência de fontes de

foro privado, como cartas e diários escritos por mulheres no período, documentos que possibilitariam uma nova leitura dessas relações.

As demais dificuldades encontradas também se relacionaram ao acesso a fontes, por diferentes motivos. No que tange aos estudos modernos e contemporâneos, foi possível observar a escassez de publicações que tenham como foco a perspectiva feminina da homossexualidade na Grécia Antiga, visto que a maior parte de obras que tratam dos estudos de gênero e sexualidade antigos direcionam-se para as relações pederásticas ou entre homens. Por essa razão, a discussão foi restrita a poucos estudos de diferentes autorias, havendo uma concentração na produção de Sandra Boehringer, respectivamente no artigo “A sexualidade tem um passado? Do éros grego à sexualidade contemporânea: questionamentos modernos ao mundo antigo” (2016), nos capítulos “Sociedades Antigas: Grécia e Roma”, “O trabalho com a sexualidade antiga” e “Grécia”, da obra “Uma História das Sexualidades” (2021), organizado por Sylvie Steinberg, e no livro “Homossexualidade Feminina na Antiguidade Grega e Romana” (2022).

A metodologia selecionada não propõe uma revisão de esgotamento da literatura, e, na medida em que não foram realizadas pesquisas de revisão sistemática sobre o tema, não foi possível verificar com minúcia a amplitude de estudos sobre o tema. Outra dificuldade encontrada foi a ausência de publicações traduzidas ou mesmo o acesso às versões originais de obras internacionais, especialmente de autores franceses, que têm uma vasta produção na área das memórias LGBTIAPN+.

4. RESULTADOS

Os resultados foram divididos em dois capítulos: “Grécia Antiga: a trans-historicidade da escrita de realidades inexportáveis” e “A sexualidade sáfica grega”. O primeiro capítulo tem como centro a elucidação dos caminhos para os estudos da Antiguidade, contextualizando, entre outros elementos, o território estudado e o surgimento do campo de estudo. O capítulo aborda as limitações da área e as propostas de contorno do anacronismo para uma escrita atual das histórias das sexualidades e amorosidades entre mulheres na Antiguidade.

O segundo capítulo, por sua vez, foi dividido em três subcapítulos, passando pelas determinações históricas do território grego da Antiguidade para chegar às concepções de erotismo e a obra da autora Safo de Lesbos. Os subcapítulos foram divididos, respectivamente, em: (1) “Determinações materiais das sexualidades antigas”, que abrange

uma leitura política do território grego; (2) “Entre o íntimo, o identitário e as instituições (extra)conjugais”, que constrói um diálogo entre o imaginário social acerca da dita “sexualidade grega” e os contratos sexuais do período e, por fim, (3) “O éros Sáfico”, que aborda as características do eros mélico, em especial no que tange a obra da poetisa Safo de Lesbos. A análise será seguida pela articulação entre as obras de Safo e Audre Lorde, situadas no capítulo de “Discussão”.

4.1 Grécia Antiga: a trans-historicidade da escrita de realidades inexportáveis

A compreensão das dinâmicas e da importância da sexualidade na constituição das sociedades tem sido amplamente discutida. Nogueira, Pereira e Toitio (2020) afirmam a existência de uma miríade de caminhos para a realização desta investigação a partir das vivências subalternas, entre eles, o destrinchamento de vivências que desafiam a hegemonia heterossexista por meio da construção de práticas políticas e sexuais alternativas (Nogueira, Pereira e Toitio, 2020, p. 81). O estudo das sexualidades gregas, contudo, parte de uma concepção distinta e incomparável, visto que a noção da sexualidade como "elemento identitário essencial ao ser humano" é fruto dos dispositivos das sociedades atuais (Steinberg, 2021). Nesse sentido, apesar de não se poder percorrer o caminho de investigação de vivências combativas à uma hegemonia anacrônica ao período, o estudo da dinâmica de sexualidade grega beberá da metodologia de investigação das vivências e subjetividades jogadas à margem na modernidade.

A Antiguidade Clássica representa a articulação histórica e cultural das civilizações grega e romana ao longo dos séculos VIII a.C. a V d.C. Herdeira do legado dório,¹¹ a Grécia Antiga foi uma civilização formada pelas populações do sul das Penínsulas Balcânica¹² e Anatoliana,¹³ pelas Cíclades¹⁴ e por territórios banhados pelo Mar Negro¹⁵ (Boehringer, 2021). Célebre por sua diversidade linguística e significativas contribuições em uma série de áreas do conhecimento, como as artes, o direito, a política, a filosofia e a história, a civilização helenófona atravessou seu auge e declínio entre os séculos XX a.C. e I a.C. O

¹¹ Povo indo-europeu pertencente ao período da Antiguidade. O povo dório contribuiu para o desenvolvimento da cultura grega, juntamente com outros grupos étnicos, como aqueus, jônios e eólios.

¹² A Península Balcânica é localizada na região sudeste da Europa e seu território abrange a Albânia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Grécia, Macedônia do Norte, Montenegro, Sérvia, Kosovo, a Trácia Oriental, bem como regiões da Croácia, Romênia e Eslovênia.

¹³ A Península Anatoliana, Anatólia, ou “Ásia Menor”, fica localizada entre os continentes asiático e europeu, englobando, atualmente, a região asiática da Turquia.

¹⁴ As Cíclades constituem um grupo de ilhas localizado no norte do mar Egeu. Sua alcunha indica o círculo de ilhas formado em torno da ilha sagrada de Delos.

¹⁵ O Mar Negro é situado entre o sudeste da Europa e o extremo oeste da Ásia. Suas águas banham o litoral da Romênia, Bulgária, Ucrânia, Rússia, Geórgia e Turquia.

período foi posteriormente desmembrado por historiadoras(es) em cinco eras: Pré-Homérico, Homérico, Arcaico, Clássico e Helenístico – sendo os períodos Arcaico e Clássico considerados o apogeu anterior à transformação da Grécia em protetorado¹⁶ romano em 146 a.C.

Apesar do acúmulo de estudos minuciosos acerca de variadas características do período, são recentes os trabalhos dedicados à sexualidade. A área de estudos em sexualidade passou a disputar os campos de estudos sociais durante a década de 1960, no contexto de efervescências segregacionistas raciais e de reivindicações pelos direitos civis nos Estados Unidos, que culminariam na luta em prol de minorias na década seguinte, movimentada pelo advento dos *gay and lesbian studies*, *postcolonial studies*, *queer studies* e *subaltern studies*¹⁷ (Boehringer, 2022). Esse movimento caminhou concomitantemente à produção de diversos estudos voltados para as relações homoeróticas e/ou pederásticas masculinas (e.g Kenneth Dover, 1978; David Halperin, 1990; entre outros). Contudo, observou-se a negligência em relação a homossexualidade feminina, de forma que não foram realizados estudos específicos com este recorte. Obras que diziam investigar “a sexualidade” de forma generalizada, tratavam, na realidade, de uma sexualidade específica: a de homens – evocando a sexualidade feminina somente de forma complementar à masculina.

Nos trabalhos iniciais sobre as sexualidades da Antiguidade, os contextos interpessoais de vivências gregas foram abordados como detalhes da “vida privada”, remetendo a relações sexuais extraconjugais no que tangia ao universo masculino, e ao casamento, gravidez ou prostituição, no que dizia respeito ao universo feminino (Boehringer, 2021). Os aspectos não estritamente heterossexuais foram muitas vezes omitidos, de forma que passagens explícitas de pederastia escritas por autores clássicos como Platão e Ovídio foram retiradas do currículo acadêmico (Boehringer, 2022). Este ocultamento contribuiu para a equivocada reprodução de histórias da heterossexualidade como categorias naturais, fixas ou neutras, uma vez que, não retratadas, vivências homossexuais parecem não ter constituído a história.

Evidentemente, a compreensão das sexualidades autênticas do período extrapola as características da conjugalidade e da procriação. A questão que passa a tomar espaço, pois, é: Como escrever, nos dias de hoje, uma história da sexualidade e amorosidade entre mulheres

¹⁶ O termo “protetorado” é utilizado para nomear um território que é colocado sob autoridade de outro Estado, que, apesar de protegê-lo militar e diplomaticamente, submete-o a imposições diversas, a depender da natureza do acordo. O protetorado detém algum grau de autonomia, contudo, não conduz relações externas, tampouco suas finanças e suas defesas.

¹⁷ Respectivamente “estudos gays e lésbicos”; “estudos pós-coloniais”; “estudos queer” e “estudos subalternos”.

na Antiguidade? E, ainda, como tornar possível o diálogo entre esta história e os amores e erotismos entre mulheres na atualidade?

Essa pergunta atravessa, inevitavelmente, uma contradição historiográfica. Dois polos são separados por uma tênue linha: de um lado, a projeção *ipsis litteris*¹⁸ de crenças e concepções afetivo-sexuais do século XXI sobre vivências antigas e, do outro, o completo distanciamento entre as vivências do passado e da contemporaneidade, gerando uma visão completamente abstrata e naturalizada da realidade da Antiguidade. Para ilustrar os dois lados dessa moeda, pode-se pensar que o primeiro caso mencionado, marcado pela projeção de crenças modernas, se manifesta quando se diz que uma mulher habitante da Grécia Antiga seria *sapatão*,¹⁹ uma vez que se relacionava exclusivamente com outras mulheres, por exemplo. Essa afirmação faria com que a(o) locutor(a) incorresse em um erro de anacronismo, visto que o próprio conceito de “sapatão” é atravessado por fatores políticos contemporâneos. O segundo caso, por sua vez, ocorreria caso se buscasse impedir que mulheres sapatões se identificassem com as obras de Safo, por não se poder atribuir a ela o conceito de “homossexualidade feminina”, por exemplo.

Visando o contorno destes questionamentos, Halperin (apud Boehringer, 2022) indica horizontes para uma construção historiográfica rigorosa ao propor que as compreensões eróticas correntes são *inexportáveis*, isto é, não é possível olhar o passado como versões exóticas do que já nos é familiar. Ainda assim, é, se não inevitável, imprescindível, observar as possíveis correspondências entre as perspectivas amorosas e eróticas da Era Antiga e da contemporaneidade, visto que o próprio amor entre mulheres pode ser considerado como um fato objetivo para a garantia de uma realidade trans-histórica (Boehringer, 2022) dos movimentos sáfico, lésbico, bissexual e panssexual de mulheres no século XXI. O caminho indicado pelo autor é de busca pela compreensão dos cruzamentos, subdivisões e repartições entre as categorias próprias à cada sociedade Antiga e categorias elaboradas a partir de perspectivas contemporâneas. Observa-se, assim, uma leitura que contrapõe o reducionismo do fenômeno ao defini-lo como um *fato social total* circunscrito na intersecção de diferentes abordagens históricas, entre elas a antropologia, a cultura e a linguística.

Não se trata de narrar a história das sexualidades dissidentes pela oposição à história da heterossexualidade ou como uma tentativa de descoberta de onde se iniciou a homossexualidade para justificá-la – investigação esta que jamais ocorreria com a

¹⁸ Do latim “literalmente” ou “nas mesmas palavras”.

¹⁹ Gíria informal utilizada para denominar mulheres que se relacionam com mulheres. O termo, frequentemente empregado de forma pejorativa, foi apropriado pela comunidade LGBTIAPN+, tornando-se uma forma de expressão identitária.

heterossexualidade, inclusive. Tampouco se busca relacionar de forma simétrica as sexualidades gregas e contemporâneas, mas sim entender de forma histórica o funcionamento da primeira e suas influências na atualidade.

Produzir uma história das sexualidades sob a ótica do materialismo histórico-dialético, aqui adotada como perspectiva norteadora, significa (1) escrevê-la com o compromisso com a desuniversalização do sujeito liberal e positivista, rompendo com uma hermenêutica alienante do sujeito e (2) compreendê-la como um sistema de hierarquizações que deve ter como horizonte a desnaturalização de poderes, corpos, gêneros, culturas e subjetividades (Brambilla; Kahhale, 2022). Este movimento possibilita traçar as múltiplas heranças fragmentadas, como a diversidade das práticas sexuais, as relações no que tange às diferenças de idade, as orientações sexuais e a nomenclatura ou ausência de concepções acerca de temas como os que hoje denominamos “sexualidade”, “consentimento”, “estupro”, entre outros.

4.2 A sexualidade sáfica grega

4.2.1 Determinações materiais das sexualidades antigas

Ao debruçar-se sobre os estudos historiográficos da homossexualidade feminina, Sylvie Steinberg, organizadora do livro “Uma história das sexualidades” (2021), defende que não somente a categoria tem sido expressivamente reformulada ao longo da história como também a anacrônica concepção de ‘sexualidade’ remete ao vazio na cultura grega. Este mesmo efeito se aplica às noções de “homossexualidade”, “heterossexualidade” e demais orientações sexuais – que só surgiram séculos depois, em 1868 e 1892, respectivamente. Não obstante, historiadores como Halperin (1990) têm atribuído o termo “*before sexuality*” ao período, justamente devido à inexistência de uma compreensão da categoria como é entendida hoje. O vácuo cultural evocado por essas palavras não foi meramente resultado de ninguém as ter *neologizado* naquele período, e sim devido ao fato de que as invenções humanas não poderiam surgir de forma espontânea na ausência de condições materiais propícias para tais formulações, como ocorreria séculos depois, sob as condições estabelecidas após a Revolução Industrial. A falta de correspondência entre as concepções antigas e contemporâneas não denotam a inexistência de envolvimento que dissessem respeito, à sua própria maneira, ao sexo e à paixão.

Se, por um lado, a sexualidade expressa através das relações afetivo-eróticas refletiam as condições de uma civilização hierarquizada, por outro também sustentavam a reprodução

das relações de classe e a manutenção do sistema de produção em vigor. Ou seja, na mesma medida em que as expressões subjetivas da sexualidade eram moldadas pelas contradições sociais, a categoria de sexualidade em si implicava práticas sociais, materiais e simbólicas que estruturavam essa civilização, em um movimento dialético. Nesse sentido, a investigação das amorosidades e erotismos entre mulheres não pode se eximir da contextualização do cenário político-econômico e como este forjava as significações do papel social feminino.

A civilização grega Antiga se apoiava em dois pilares essenciais: a escravização e a democracia. O primeiro operava como uma instituição centralizadora da sociedade, de forma que as(os) escravas(os) constituíam uma parcela significativa da população. A democracia, por sua vez, era restrita aos homens livres, nascidos em demarcações territoriais específicas. A titulação de cidadão permitia o exercício da política – ou *πολιτεία/politeia* – nas *ágoras*,²⁰ ou seja, a livre elucubração referente à sociedade, à comunidade e demais aspectos da vida coletiva. Tal delimitação jogava à margem os direitos sociais de mulheres, estrangeiras(os) e escravas(os), negando-lhes o poder de decisão sobre a vida pública.

Enquanto aos homens livres cabia o manejo da *pólis* – a vida pública política da cidade-estado grega –, as mulheres eram responsabilizadas pelo cuidado do *oïkos*, uma unidade social e política composta por uma família nuclear, cujo poder recaía na figura do pai, “senhor da casa”. Lisiana L. T. da Silva e Jussemar W. Gonçalves (2014) ressaltam o papel fundamental das mulheres na vida privada, destacando que apesar de despossuídas da prática cidadã, atuavam de forma fundamental na reprodução legítima da estrutura social como mães de filhos cidadãos. Segundo Saffioti (1976), apesar de serem política, social e juridicamente inferiores aos homens, as mulheres participavam do sistema produtivo das sociedades pré-capitalistas, desempenhando um papel subsidiário nas funções econômicas.

Em uma análise acerca das determinações históricas da sexualidade, Nogueira, Pereira e Toitio (2020) criticam formulações diversas, tanto sobre a Grécia Antiga quanto sobre a Modernidade, que desconsideram as desigualdades sociais no que diz respeito ao cotidiano, ao usufruto dos produtos do trabalho e à própria reprodução social. Falar da sexualidade de mulheres na Grécia Antiga significa, portanto, falar de relações entre pessoas tolhidas de participação política em uma democracia grega na qual transparecem os vestígios ainda incipientes de uma estrutura classista-patriarcal que se aperfeiçoaria ao longo da história para

²⁰ Derivada da palavra grega “ἀγείρω” (“reunir”), o termo “ágora” (do grego, ἀγορά) traduz-se como “assembleia” ou “lugar de reunião”. As *ágoras* eram praças e espaços abertos da *pólis* cuja função era viabilizar as discussões políticas e culturais entre cidadãos. Constituíam, pois, a expressão máxima da democracia grega.

suprir as necessidades de uma reprodução social de dominação (Nogueira, Pereira e Toitio, 2020).

Este panorama abre portas para uma análise abrangente das sexualidades em seus contornos materiais, históricos e dialéticos, não permitindo que se abra mão das particularidades dos corpos, gêneros e suas respectivas funções sociais. Nesse contexto, a adoção de uma ótica *desengessada* também se faz presente: a sexualidade é compreendida não somente em termos de práticas sexuais e reprodutivas, mas, também e principalmente, como as vivências de intimidade, prazer e erotismo.

4.2.2 Entre o íntimo, o identitário e as instituições (extra)conjugais

A obra “Homossexualidade Feminina na Antiguidade Grega e Romana”, da autora Sandra Boehringer (2022), esboça uma cartografia erótica do desejo feminino grego. Segundo a autora, os envolvimento íntimos de ordem afetivo-sexual na Grécia Antiga não tinham como critério a genitália ou mesmo a performance do que hoje denomina-se gênero (Boehringer, 2021).

O vínculo entre a identidade e a orientação sexual é complexo na mesma medida em que é recente (Boehringer, 2016): a concepção de que a orientação sexual moldasse a identidade dos sujeitos irrompeu na Europa burguesa, entre os séculos XVII e XX. Neste período, o sexo passava a adquirir novos papéis no meio social, “passando a ser investido de uma importância inédita, capaz de definir e normalizar o ser moderno” (Halperin, 1998, p. 96-97). Essa perspectiva foi aprimorada com o emergir do “instinto sexual” como uma função autônoma da experiência humana no século XIX, que suscitou um modelo psicologizante de subjetividade sexual. Este modelo, pautado pela perspectiva essencialista, opera pela associação entre aspectos como a saúde mental, as escolhas eróticas, os níveis de suposta normalidade ou desvio à uma personalidade específica, um modo de “ser” perene e imutável – denominado “sexualidade” (Halperin, 1998).

Apoiando-se na clássica obra foucaultiana “História da Sexualidade” (1999), Boehringer menciona que a própria divisão dos sentimentos, práticas e desejos sexuais das demais atividades humanas aponta para a contemporaneidade deste discurso, que, na Antiguidade, “nada” dizia sobre a construção do sujeito. Na Grécia Antiga, indivíduos que se dedicassem a práticas sexuais específicas não atribuíam a este fato um aspecto identitário de maneira nem fluida e tampouco fixa – como as categorias de orientação sexual modernas. Nesta civilização, o domínio da sexualidade constitui-se em diferentes âmbitos, como na

educação, na política ou no contexto do banquete, mas sempre como prática e não como um estado fixo (Boehringer, 2016).

As mulheres gregas também não se definiam em função do sexo ou da desigualdade política, não existindo uma homogeneidade da categoria “mulher” ou uma noção identitária referente à uma possível ‘natureza feminina consciente’. A noção de que uma mulher ou um homem definisse as particularidades de seu ser de forma íntima ou psicológica à vista de parceiras ou práticas sexuais era inconcebível.

(...) embora práticas que *nós* definimos como pederastia apareçam em grande número nos documentos antigos, é forçoso constatar que os gregos não se diziam nem pederastas nem homossexuais, como hoje alguém se diz lésbica ou *gay*. As pessoas que se envolviam nesse tipo de relação desempenhavam papéis ou funções em contextos específicos, mas não tinham o sentimento de possuir uma identidade particular nem o desejo de construir uma cultura específica, fosse ela marginal, fosse majoritária, da qual se orgulhariam ou, inversamente, a qual teriam de esconder, por vergonha ou medo de julgamentos.” (Boehringer, 2021, p. 46).

O descolamento das normas sexuais-reacionárias hodiernas por parte dessa sociedade ocasionou a formação de um imaginário social moderno de “promiscuidade” atrelado ao *‘berço da civilização’*. A retratação explícita do erotismo nas artes poéticas e visuais, em especial as representações homossexuais, tornaram-se alvo de condenações moralistas associadas ao pecado e à ausência de pudor, resgatadas dos valores medievais.

Apoiando-se em Mark Jordan (2007), Boehringer descreve a distorção teológica da “sodomia” para torná-la um meio de condenação das relações homossexuais na Idade Média, especialmente na Itália comunal. O termo “sodomita” remonta à história da cidade de Sodoma, destruída por Deus em razão da arrogância e ingratidão de suas/seus habitantes, assim, no “crime de sodomia” estavam abarcadas transgressões religiosas diversas, como a usura, a heresia, a blasfêmia e o crime de lesa-majestade, bem como diferentes tipos de comportamentos sexuais proibidos. Com o tempo, a palavra passou a ser generalizada para tornar-se sinônimo das abundâncias sexuais e, posteriormente, do desejo entre pessoas do mesmo sexo, em especial o desejo e ato da penetração anal. A expressão “vício sodomita” também foi amplamente utilizada para qualificar estupros e abusos sexuais perpetrados por homens contra meninos jovens.

Há uma significativa desproporcionalidade entre as representações sodomitas masculinas e femininas no que tange às representações literárias e aos documentos oficiais do período, fazendo com que a “sodomia” masculina fosse apresentada em maior escalada, e a

feminina, em menor grau. Apesar de mais escassos, registros históricos permitem a compreensão da extensão da problemática à cultura sáfica, não somente no que tange às práticas sexuais, mas, também, às amorosidades, como demonstrado pelo fragmento do livro “Tratado do amor cortês”, de André Capelão, datado de 1185:

É preciso deixar muito claro que só existe amor entre pessoas de sexo oposto. De fato, não pode haver amor entre dois homens nem entre duas mulheres: duas pessoas de mesmo sexo não são feitas em absoluto para se dar reciprocamente os prazeres do amor ou realizar os atos naturais que lhe são próprios. E o amor envergonha-se de aceitar o que a natureza proíbe.

As práticas sexuais femininas com penetração realizadas com a confecção de artificios também chamaram a atenção da ordem religiosa, e, apesar de indicarem uma denúncia, oferecem informações acerca das práticas sexuais medievais. É o caso do trecho descrito por Burcardo de Worms, bispo responsável pela coleção de leis canônicas denominada “*Decretum*”.

(...) Fizeste o que certas mulheres têm o costume de fazer, fabricaste uma máquina do tamanho que te convém, ataste-a na altura do teu sexo ou daquele de uma companheira e fornicaste com outras mulheres más ou outras contigo, com esse instrumento ou outro?

Observa-se a repulsa em palavras como “mulheres más” e o próprio tom degradante utilizado pelo autor. Essas relações também foram denunciadas por escritores como Estêvão de Fougères, em 1175, que demonstrou a insatisfação masculina frente às relações carnavais entre mulheres que não dependiam das genitálias de homens. O repúdio à sodomia feminina extrapolava o campo social e contaminava, também, a lei: segundo os estatutos das comunas de Camerino (1424) e Treviso (1315), mulheres que se relacionassem com mulheres, ou seja, que cometessem tal pecado contra a natureza, deveriam ser atadas nuas a um pelourinho disposto em praça pública, para terem seus corpos queimados no dia seguinte (Boehringer, 2021).

Essa digressão ilustra o legado da intolerância de algumas religiões ocidentais que repudiam vivências de sexualidade que não tem como propósito a reprodução e que seguem sendo reivindicadas na atualidade. Além de sustentar uma hipótese homofóbica em sua natureza, essa interpretação, alimentada também pela academia – que discursa de forma retraída e pejorativa sobre o “amor/vício grego” (Boehringer, 2021) –, suscita o pensamento equivocados de que esta sociedade fosse imune a normas limitantes e estereotipadas de uma

socialização erótica – e, por tal razão, seria necessário controlá-las e puni-las. O que ocorre, contudo, é que os costumes eróticos e amorosos gregos estavam circunscritos a paradigmas particulares ao período. Não se trata, portanto, de uma cultura de “libertinagem”, mas, sim, de uma cultura que estabelecia contratos sexuais pautados em outras características e dinâmicas, como, inclusive, a procriação, a transmissão de patrimônios e a pedagogia das iniciações sexuais.

Como previamente mencionado, a aquisição da condição de cidadão era um aspecto crucial nesta civilização. A possibilidade de transmissão de bens e criação de filhos legítimos que pudessem reivindicar essa posição de cidadania ao atingirem a maioridade tornavam o casamento um elemento central para a ascensão social (Boehringer, 2021). No entanto, apesar de cantos da Era Antiga e registros de epitáfios dos períodos clássico e helenístico indicarem uma abertura para práticas eróticas e afetivas entre os pares no âmbito conjugal, entende-se que essa relação não ocorreria *a priori*. Ou seja, um casamento poderia ter como consequência uma união apaixonada entre pares e/ou uma vivência de sexualidade prazerosa, mas não existiria nele, por si só, uma condição para que isso ocorresse. Os registros matrimoniais analisados por Boehringer ilustram a pluralidade de discursos sobre as uniões conjugais das(os) antigas(os). Ainda assim, a autora chama a atenção para os contratos matrimoniais e imagens documentadas em recipientes encontrados em uma parcela do Egito povoada por pessoas gregas após a conquista alexandrina. Os dados demonstram tanto a idealização do casamento e da vida das esposas quanto o papel burocrático dos casamentos como uma representação restrita à indivíduos livres que representavam uma aliança entre famílias, não considerando os sentimentos e a vida da futura esposa. Não se tratava, assim, de uma instituição romântica, mas sim de transferência de dotes e controle das mulheres, que passavam da tutoria do pai ao esposo.

(...) uma vez que os indivíduos optam por constituir uma família e ter filhos, a relação resultante dessa decisão não é considerada como pertencente ao campo do sexual: o casamento antigo, desde que ele surge e é praticado, é entendido como um contrato social no qual nem o amor nem a sexualidade entram em questão. Para um homem, estar com uma mulher significa fundar um oikos, uma família, e o que se espera de uma mulher é que ela seja capaz de gerar uma prole, de criá-la, de modo a produzir os futuros cidadãos, espera-se igualmente que ela gerencie a casa. (Boehringer, 2016, p. 24)

A conjugalidade era utilizada como sistema de desigual controle entre homens e mulheres, de forma que na vida grega a dois as mulheres não poderiam manter relações

sexuais extraconjugais, arriscando serem vítimas de severas punições e julgamentos caracterizados como “piores que o estupro” (Boehringer, 2021). Já aos homens, este privilégio era garantido de forma lícita e, por vezes, até mesmo valorizada, excetuando-se casos em que a mulher pertencesse ao *oikos* de um concidadão. Diferentemente do veto moral aos casamentos homoafetivos entre mulheres da atualidade, a união matrimonial não ocorria no período somente devido à impossibilidade de transmissão de bens, na medida em que mulheres ocupavam um *status* social inferiorizado na civilização.

As autoras também apresentam outros complexos aspectos das contratualidades sexuais. Assim, se por um lado a genitália e as práticas sexuais em si não constituíam nem um fator de valorização ou repúdio, inexistindo o opróbrio às relações atualmente denominadas homossexuais, por outro, a condenação moral se dava por critérios de ordem social, como o estatuto dos parceiros, o estatuto conjugal das mulheres, o tipo de ato realizado, entre outros. Um exemplo são as recomendações escritas nas entradas de santuários na Grécia clássica e helenística. Segundo os documentos, o contato com fluidos corporais, caracterizados como “máculas”, como outros comportamentos, entre eles dar à luz, cuidar de defuntos ou ir à guerra, não carregavam em si um caráter condenável e perene. Sugeria-se, apenas, que os sujeitos lavassem os corpos ou esperassem um tempo específico para entrar nos templos. Vale mencionar, ainda, que não eram feitas diferenciações no que tange as relações entre o mesmo sexo ou com de sexos opostos.

O sistema de normas sexuais era designado pelo paradigma *katá nómon x para nómon*, sugerindo, respectivamente, o que era e o que não era adequado socialmente. Esse dualismo se distancia profundamente das interpretações opositoras entre *normal x patológico* e *pecado x virtude*, que, diversas vezes atribuídas à Grécia Antiga, simplesmente não cabem em seu contexto. Segundo Boehringer (2016), uma mesma prática poderia ser considerada como *katá nómon* ou *para nómon*, na medida em que a moral sexual era avaliada em função de critérios diversos, de forma exclusivamente estatutária.

Além disso, o fundante papel pedagógico cumprido pela homossexualidade na civilização parece ter sido consensuado entre diversos historiadores do tema. Sob esta perspectiva, no período arcaico as práticas sexuais homoeróticas seriam organizadas como modelos iniciáticos civilizatórios entre homens e meninos, indicando uma assimetria etária e também social. Boehringer (2022) problematiza a generalização desta tese para as relações homoeróticas entre mulheres e destaca a insuficiência de documentos que permitam supô-la.

Ainda assim, considerando a tendência à projeção entre representações masculinas e femininas, vale ressaltar a crítica proposta por Halperin em sua obra “Cem Anos de

Homossexualidade” (2000). O autor propõe que a “purificação da pederastia do desejo sexual” marcada pela ideia de uma socialização ritualística realizada *somente* sob eventualidades prescritas, parte de uma premissa que insiste em isentar os sujeitos de uma preferência pessoal, perpetuando a perspectiva de uma heterossexualidade de ordem natural. O autor não nega a possibilidade de um eixo pedagógico na caracterização destas relações, mas denuncia a lógica moralista que pauta uma oposição “natural” entre a homossexualidade e a heterossexualidade, que ocorreria tanto na perspectiva de relações entre homens, quanto mulheres.

4.2.3 O eros Sáfico

Sem dúvida, a apreensão das contratualidades sexuais fornece uma visão da realidade material da dominação e subjugação das mulheres da época. Contudo, estudá-las não permite o contato com as concepções autênticas acerca do amor e da sexualidade – em especial os amores e erotismos sáficos, que contemplam uma dimensão velada. Esses dois elementos (amor e sexo), apesar de compreendidos como experiências atemporais, são estruturados de maneiras diferentes a depender da conjuntura histórico-política em que os sujeitos estão inseridos (Boehringer, 2016). Ou seja, existiam paralelos para as abstrações hoje denominadas “amor” e “sexualidade” na Grécia Antiga, mas a forma de expressá-las, compreendê-las e vivê-las só pode ganhar sentido quando relacionada às condições históricas e culturais do período.

A primeira distinção entre as concepções antigas e contemporâneas reside na linguagem: Se o termo “sexualidade” a nada remete na tradição grega, é através do conceito de “eros” que se fala sobre as experiências referentes à intimidade e às paixões na Grécia Antiga. Conforme Boehringer (2021), o termo surge durante o período homérico e passa a ser utilizado de forma não restrita às práticas sexuais, podendo ser evocado em poemas para designar uma satisfação de desejo relativo à comida ou bebida, por exemplo. Já no período arcaico, entre os séculos VII e VI a.C., a expressão passa a designar de forma mais específica as sensações que dizem respeito ao que hoje denominamos amor e sedução. O erotismo diferencia-se do amor moderno e contemporâneo, entre outros fatores, por não poder ser ampliado às relações familiares e entre amigas(os), por exemplo – essa concepção estaria mais próxima do conceito grego de *philia*.

Apesar de cultivar o nome da divindade mitológica – “deus Eros”, deus da paixão –, o eros era constantemente significado na poesia grega como um impulso arrebatador não antropomorfizado que leva ao desejo sexual por alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto,

podendo este desejo ser concretizado ou não. Claude Calame, em sua obra “Eros na Grécia Antiga” (2013), explicita essa dicotomia ao descrever eros como o “doce encanto de um amor, suficientemente concreto para assumir a figura humana e suficientemente potente para agir como uma divindade” (p. 05).

O autor dedica uma análise aprofundada às poesias arcaicas mélicas. Diferentemente da poesia épica, que por vezes relaciona eros ao desejo de guerra, a poesia mélica se destaca pela expressão erótica associada à música, à emoção e à beleza. A palavra ‘mélica’ deriva do grego *melos*, que significa “canto”, e ressalta a relação entre poesia e música: Os poemas líricos eram frequentemente acompanhados por instrumentos musicais, como líras e cítaras, e cantados publicamente por coros de jovens ou pelas(os) poetas responsáveis por sua escrita (Boehringer, 2021). Esse movimento artístico ocorria em contextos diversos, de festas a celebrações religiosas, e não raras vezes, continha passagens homoeróticas femininas. Boehringer, no subtítulo “Eros, o desejo como força”, exemplifica esse dado a partir de uma composição do século VIII a.C., de autoria do poeta Álcman (Fragmento 26), escrita por encomenda da pólis espartana.

O desejo me destroça,
ela me lança olhares mais sedutores
que o sono ou a morte;
e sua ternura é soberana.
Mas Astimelusa não me responde, [...]

quando se enfeita com o diadema,
parecendo um astro viajante do céu resplandecente,
ou com o ramo dourado, ou a delicada pluma, [...]
ela passa, ligeira [...],
o óleo de Chipre perfuma voluptuosamente
sua cabeleira de menina. [...]
Ah! se ela se aproximasse e tomasse
minha mão distraída, eu seria sua...

As reticências do poema sinalizam os trechos desgastados não identificados por historiadoras(es) que tiveram acesso aos documentos originais. Apesar de escrito por Álcman, o verso “*eu seria sua*” atesta que o eu-lírico, interpretado pelas jovens, era, também, feminino. Desta forma, Boehringer (2021) chama a atenção para o fato de que passagens de sedução e desejo não de uma, mas de um grupo de meninas jovens por outra mulher em específico, eram cantadas de forma explícita. O amor e a sedução entre mulheres, portanto, eram declamados e cantados de forma pública na poesia arcaica, sendo esta marcada por elementos como o sofrimento vivido pela disputa entre a ausência e o desejo pelo toque

físico, a relevância dos olhares eróticos e as comparações da beleza do objeto erótico a corpos celestes. No fragmento apresentado, Astimelusa é descrita como uma mulher idealizada, que sequer responde ao eu-lírico. A comparação do objeto de desejo com os astros confirma a *inalcançabilidade* amorosa.

Conforme descrito por Livia Gonsalves Toledo (2008), a arte desempenha um valioso papel de explicitação das práticas estabelecidas e aceitas em uma sociedade. Essa posição dialoga com a relevância descrita por Boehringer acerca da função política e pedagógica dos coros juvenis na pólis – segundo a autora, os coros de meninas e meninos eram considerados estágios importantes na vida de jovens no período arcaico nos âmbitos da educação e da política (Boehringer, 2021).

Apoiando-se em James Smalls, Toledo comenta que as obras artísticas com representações mitológicas produzidas ao longo da história ocidental, sobretudo durante o Renascimento, ilustraram uma vasta gama de relações homoeróticas entre homens, tornando raras as representações de relações entre mulheres. As poucas obras reconhecidas que retrataram essas configurações afetivas foram desenvolvidas por homens, de forma que não sugeriam uma aceitação da afetividade entre mulheres, mas sim a saciação do prazer masculino fetichizante das relações sáficas.

Este efeito não ocorre na Grécia Antiga: A análise da obra de autores gregos do período (e.g. Alcman e Anacreonte) permite afirmar que, ao menos na poesia, a fetichização masculina não encontrava sentido, visto que os envolvimentos sáficos eram descritos tais quais outras práticas relacionais. Além de encontrarem voz em autores homens que transitavam por eus-líricos femininos, as expressões homoeróticas de mulheres também ressoaram na escrita de mulheres, especialmente em Safo.

Nascida em Mitilene, na Ilha de Lesbos, em torno do século VIII (Boehringer, 2021), Safo tornou-se célebre pela escrita de obras poéticas que narravam o erotismo feminino em primeira pessoa – apesar de se tratarem de eus líricos fictícios, não dizendo, necessariamente, de sentimentos vividos pela poeta, mas sim por um eu-personagem.

Safo é reconhecida como uma das mais proeminentes poetisas do gênero lírico, apesar de suas obras terem chegado à modernidade de forma esparsa. Como em Alcman, o eros contido em sua produção é, variadas vezes, reconhecido como *eros mélico*. Caracterizado por tornar tanto homens quanto mulheres reféns de uma paixão extasiante que remete a um estado de perda do controle de si, de invasão de sensações que transformam o sujeito em vítima, este eros tem a doçura como elemento principal. A sensação de adoçamento é suscitada pela água ou vinho, que inspiraria as atividades musicais: “(...) uma doçura que escorre em você para

encantar seu coração em um sentimento de distensão” (Calame, 2013, p. 05). A sensação é comparada à doçura do sono, da morte e da música – como observado na supramencionada passagem “ela me lança olhares mais sedutores que o sono ou a morte (...)”..

O eros de Safo, tal qual os eros mélicos do período, não aponta uma diferenciação erótica baseada no sexo, de modo que são narradas cenas eróticas de personagens ora com homens, ora com mulheres (embora sejam raras as descrições de relações eróticas entre um homem e uma mulher). A força deste elã se dá pela assimetria entre o desejo daquela(e) que é cativada(o) e a resistência daquela(e) que desperta esse sentimento, instigando sentimentos intensos e paradoxais, que transitam entre a visceralidade e o encanto, o prazer e a angústia. Estas sensações, descritas por Safo como um eros “doce-amargo” (“*glukupiros*”), são explicitadas pela poetisa no Fragmento 31 Voigt.

Ele me parece ser igual aos deuses,
O homem que está sentado diante de ti
E, de perto, te escuta
falando doce

E rindo desejavelmente; isso, de fato, me
Perturbou o coração no peito,
Pois, quando te vejo brevemente, então falar
torna-se impossível para mim,

Mas, de cima a baixo, a língua se quebra, sutil
De pronto o fogo corre sob a pele,
Com os olhos nada vejo, e zuz-
nem as audições,

O suor me transcorre, um tremor
Toda me toma, fico mais verde
que a relva e pareço a mim mesma
pouco distar da morte (...)

O Fragmento descreve a oposição entre o homem que senta diante de uma mulher e o eu lírico, que se consome ao ver a figura feminina de desejo. A assimetria dos sentimentos é uma constante em todo o excerto, passando pela comparação do homem a um deus, o elogio das qualidades da mulher amada na “fala doce” e o forte sofrimento que leva a um incômodo corpóreo que a atinge em todas as instâncias – do coração à audição. Apesar de evocar nas leituras helenísticas e imperiais uma interpretação quase unânime de sintomas de amor e ciúme nas obras sáficas, Tadeu Andrade (2019) analisa o verso do homem comparado a uma divindade por meio de um exame comparativo com outras fontes elegíacas e mélicas. Conforme o autor, a centralidade do discurso não pressupõe a rivalidade amorosa, tratando-se

somente de um resultado puro do forte desejo. O homem, mencionado na primeira estrofe, tem sua relevância esmaecida ao longo do poema para dar espaço ao eu perturbado pela presença distante da figura erótica – no entanto, apesar de ser citado em um verso único, a figura masculina serve seguindo nas entrelinhas como contraponto da personagem. Enquanto o homem se sente diante da mulher, ouvindo-a de perto em um diálogo permeado pela ternura e pelo riso, a voz poética é representada como espectadora da cena, distante e em meio a um colapso corporal que fragiliza seu corpo e sua fala. A paixão desconcertante que a toma por inteiro assemelha-se ao “desejo que destroça” de Álcman, e parece suscitar um efeito dissolvente: a personagem já não ouve, é consumida pelo fogo e suor que percorrem sua pele e passa a entrar em um estado similar à náusea que a faz sentir perto da morte.

É certo que muitas perguntas quanto às circunstâncias da situação descrita dividem opiniões, e, devido à insuficiência de informações referentes à cultura lésbia do período e a vagueza descritiva dos elementos materiais, pouco se pode afirmar sobre a razão da situação narrada (Tadeu Andrade, 2019). O dissenso travou hipóteses diversas, que transitam de uma situação de elogio dos noivos em ocasião de casamento à partida de uma discípula. Boehringer (2021) descreve a constante negação dos elementos eróticos na obra sáfica: o desejo de ver o erotismo expresso na obra da autora grega como uma manifestação intensa de amizade entre mulheres atravessou inúmeros autores, como o psicanalista Georges Devereux (1970), que argumenta que as aflições físicas vividas pela personagem fossem fruto da percepção de uma anormalidade.

A negação reflete uma lente moralista moderna e contemporânea carregada de LGBTIAPN+fobia, que insiste que o contexto encomiástico narrado não decorre do desejo, mesmo quando se observa a aparição de elementos homoeróticos com componentes físicos e evocações íntimas sofisticadas que seguem o mesmo padrão poético-erótico de outros autores, embora estes nunca tenham tido sua dimensão erótica negada. Por esses aspectos, Boehringer afirma que o amor lírico expresso na obra de Safo só poderia ser percebido de forma erótica no período em que sua poesia foi concebida.

Os amores e erotismos homossexuais femininos descritos por Safo não são apresentados de forma transgressiva e os sentimentos de angústia e melancolia são descritos em virtude da própria caracterização erótica e mélica do gênero. O eros, assim como na escrita de outros autores do período, nunca é descrito por um viés de estigmatização ou condenação social. Pelo contrário, a disseminação dessa ideologia opressiva só passou a se dar durante o Império Romano, sob influência marcante da tradição judaico-cristã, reconhecida por sua postura extremamente repressora da homossexualidade.

Essa conduta teve como expoentes os imperadores Teodósio I (347-395) e Teodósio II (401-450), que, reconhecidos por terem oficializado o cristianismo no Império Romano, decretaram a condenação de homens homossexuais com tendências “afeminadas” e/ou de “passividade” (Rafael Teruel Coelho, 2015). Os imperadores, embasados nas perspectivas religiosas da moral e das leis naturais, pregavam que as relações entre homens e mulheres seriam a expressão máxima da vontade divina.

Pouco se fala sobre relações homossexuais femininas nesses documentos, mas a Epístola aos Romanos, supostamente escrita por São Paulo em viagem missionária à Grécia em período similar, denuncia as relações homoeróticas femininas, descrevendo-as como antinaturais e desviantes (Teruel Coelho, 2015). Nesse contexto, uma série de poemas de Safo foi lançada às chamas em dois episódios distintos que se tem notícia – em um primeiro momento no ano de 380 e, posteriormente, no início do Cristianismo (Paula Silveira-Barbosa, 2023). Segundo Silveira-Barbosa, um fragmento poético resistente a estes ataques e desgastes do tempo declara: “sei que alguém no futuro também lembrará de nós”.

Este verso deixado pela autora convoca para a análise: O “nós” lírico não é descrito, deixando em aberto se se trataria de um “eu” coletivo empregado para as composições corais ou mesmo se a autora constituiria esta coletividade. As análises feitas outrora nesta pesquisa acerca da inexistência de uma noção identitária mediada pelas orientações sexuais²¹ também contribuem para a argumentação de que, muito provavelmente, a palavra “nós” não se refere a comunidade de mulheres que mantinham relações entre si, especialmente porque não há evidências de marginalização do grupo em razão de práticas sexuais. Nesse sentido, certamente não é possível deduzir o significado pretendido pela poetisa neste trecho, uma vez que sua obra é fragmentada e os registros sobre a homossexualidade feminina na Grécia Antiga não fornecem informações suficientes ou explícitas para que se possa pressupor seu contexto.

Ainda assim, é possível tomar seu trecho emprestado e realocar a frase da autora em uma interpretação contemporânea sem conjecturar suas intenções. Não se pretende, aqui, desvirtuar o contexto original ao conferir novos significados ao verso de Safo, mas sim construir novos sentidos que se alinhem com a realidade atual.

Para tal, o verso foi desmontada em seis agrupamentos, aqui denominados “núcleos”: (01) “Sei que”; (02) “Sei que alguém (...) lembrará”; (03) “Alguém no futuro”; (04) “Futuro

²¹ Ver subtítulo “4.2.2 Entre o íntimo, o identitário e as instituições (extra)conjugais”, no capítulo “A sexualidade sáfica grega”.

lembrará de nós”; (05) “Alguém no futuro lembrará” e, por fim, (06) “Lembrará de nós”. Essas divisões põem um olhar singular para cada palavra.

O primeiro e segundo núcleos (“sei que” e “sei que alguém... lembrará”) remetem a uma certeza incerta, que oscila entre o saber e a esperança. Nesse contexto, a palavra “sei” pode indicar uma vontade de que algo aconteça em um futuro sobre o qual não se pode controlar. Essa vontade é expressa pelo desejo para que haja uma preservação da memória, assim, entrelaçam-se os núcleos três, quatro e cinco (“alguém no futuro”, “futuro lembrará de nós” e “alguém no futuro lembrará”). Chama a atenção que não se use somente “o futuro lembrará de nós”, mas sim “alguém no futuro” – observa-se que há uma satisfação em esta memória ser preservada de forma singular, e não por todas as pessoas das gerações seguintes, podendo indicar que não se trataria de uma memória relevante para grupos majoritários e detentores de maiores poderes, mas sim, para grupos minoritários que teriam menos registros de uma memória social coletiva. Essa combinação também provoca reflexões acerca de quem seria a/o alguém responsável por esta preservação. No último núcleo (“lembrará de nós”), destaca-se a palavra “nós” – que pode ser lida, nesta releitura, como uma expressão de grupos dissidentes que, em circunstâncias comuns, terão suas vozes apagadas.

Esta interpretação sublinha a importância de manter viva a memória e a escrita de mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com mulheres. Conduz também ao enfrentamento manifestado nas comunidades femininas ao longo da história que têm resistido aos ataques de aniquilamento de sua memória. A reivindicação da obra sáfica ultrapassa a leitura pura de sua produção, o corriqueiro uso das palavras “lésbica” e “sáfica” e mesmo a referência direta e frequente à autora em obras contemporâneas. Trata-se da preservação milenar de perspectivas amorosas e eróticas entre mulheres, que encontram na poesia feminina sáfica um símbolo histórico da luta e do combate à naturalização da heteronormatividade.

5. DISCUSSÃO

5.1 A resistência não é um luxo: as ressonâncias sáficas em Audre Lorde

Um aspecto central do legado de Safo reside não nas palavras utilizadas em sua poesia, tão particulares e características da vivência grega Antiga, mas na possibilidade de uso da escrita como potente ferramenta na fabricação de memórias de grupos dissidentes, em especial o de mulheres que amam mulheres. Neste capítulo, buscar-se-á investigar as ressonâncias sáficas na obra de Audre Lorde, autora cuja prosa e a poesia passaram a

entrelaçar palavra e resistência, tornando a escrita um instrumento crítico para a consolidação de epistemologias avessas aos imperativos racistas e heteronormativos. Serão descritas duas argumentações – uma sobre a poesia como recurso e, em seguida, o uso do erotismo como poder.

Vale mencionar que esta correlação não visa atrelar à obra de Lorde uma influência direta da autora arcaica, na medida em que não foram encontradas nas fontes utilizadas quaisquer referências a Safo. A relação tecida será feita somente no que tange a relação entre autoras que, cada uma à sua maneira, provocaram reflexões acerca da escrita poética e do erotismo.

Audre Lorde foi uma escritora feminista interseccional negra, lésbica e militante pelos direitos civis, sexuais e raciais. A autora, estadunidense e de ascendência caribenha, tornou-se um expoente nos campos da teoria, práxis e literatura ao se utilizar da escrita para amplificar vozes marginalizadas. Lorde nomeava a sexualidade como parte integrante de si, e descrevia sua poesia como uma intersecção entre ela própria e seus mundos (Rowell & Lorde, 2000), de forma a enlaçar as dimensões política e poética em um único nó, propondo uma relação dialética entre suas vivências e sua escrita.

Sua perspectiva poética é trabalhada com maior detalhamento no capítulo “A poesia não é um luxo”, da obra “Irmã Outsider – ensaios e conferências” (2019). A autora propõe uma análise das estruturas que a cercam ao descrever a estrutura socioeconômica capitalista e imperialista vigente como um sistema determinado pelo lucro, pelas relações de poder hierárquicas e por um processo de desumanização dos sujeitos pelas instituições. Nesse cenário, Lorde demarca um distanciamento epistêmico das produções patriarcais literárias da branquitude. A poesia branca e masculina, arraigada nas profundas raízes coloniais, é denominada como um “estéril jogo de palavras”, que toma a palavra de forma banal e deturpada ao promover não a emancipação, mas a tonificação de sistemas opressivos que são atualizados em estrofes esvaziadas.

No horizonte de exploração dos sujeitos em prol do acúmulo de lucro, a vivência e expressão de sentimentos operam segundo a lógica do racionalismo hegemônico, sobre a qual se espera uma submissão dos sentimentos à razão – tal como a submissão das mulheres aos homens. A submissão feminina citada pela autora é mantida por meio de uma socialização misógina: Ensinadas a respeitar mais seus medos do que a necessidade de significar suas emoções e pensamentos, mulheres carregam o peso de inúmeros silêncios que, com o passar do tempo, tornam-se sufocantes e adoecedores.

Expandem-se, também, a análise de Lorde em relação a submissão feminina ao processo de silenciamento instaurado pela maior história de escravização da humanidade, cuja ausência de reparações históricas segue alimentando um trauma colonizador, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. Segundo Patrícia Hill Collins (2015), a escravização de homens e mulheres vindos de África foi uma instituição profundamente patriarcal, alicerçada na autoridade do homem branco e na propriedade privada. Não é de se espantar que os silenciamentos coloniais incidam ainda hoje na vida dessas mulheres, na medida em que a transição de uma sociedade escravocrata para uma sociedade de classes somente atualiza as violências racistas e patriarcais por meio de uma estrutura imperialista opressora.

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mão negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria uma linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade. (Lorde, p. 47)

A poetisa critica a perspectiva europeia da vida como um “problema a ser resolvido” por ideias racionais e posiciona-se a partir de uma noção contra colonial da vida como uma experiência com a qual se deve interagir. A poesia, portanto, inverte a tradicional lógica racionalista dominante que condicionaria a existência à lógica, por um movimento destilador e revelador da experiência. A manifestação poética é metaforizada como “iluminação”, ou seja, iluminam-se os sentimentos por meio da verbalização. A autora argumenta que, apesar de não terem nome ou forma, os sentimentos pré-poéticos já são sentidos pelo sujeito, podendo, assim, o indivíduo “sentir, logo, existir”. A destilação da experiência da qual brotaria a “verdadeira poesia” constituiria a criação do pensamento, uma vez que estes só podem ser elaborados por meio do fazer-poético.

A tese defendida no ensaio é de que, muito diferentemente de um ato puramente estético ou luxuoso, a poesia é uma necessidade vital para a existência e sobrevivência de mulheres nas sociedades capitalistas.

A relevância política expressa por Lorde é corroborada por Agatha da Luz, Juliana de Miranda e Aiana Silva (2019), que destrincham a importância social e subjetiva da literatura lésbica preta na dimensão raça-sexualidade-gênero. Para as autoras, a literatura negra lésbica é um recurso emancipador de afetos e vivência por proporcionar a possibilidade dessas mulheres serem vistas de forma humanizada por meio da quebra do não-lugar. Essa ruptura viabiliza movimentos de identificação e pertencimento capazes de liquidar a marca da solidão ancestral (Da Luz et. al., p. 141), por meio da potencialização do sonho, da esperança e

da mudança – ora como linguagem, ora como ideia, mas, posterior e finalmente, como ação tangível (Lorde, 2019). A escrita, portanto, é vista como uma indagação dos processos opressores e, concomitantemente, como uma tarefa.

(...) Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio? Para algumas de vocês que estão aqui hoje, talvez eu seja a expressão de um dos seus medos. Porque sou mulher, sou negra, sou lésbica, porque sou quem eu sou - uma poeta negra guerreira fazendo o meu trabalho -, então pergunto: vocês tem feito o trabalho de vocês?

No trecho, Lorde destaca a relevância da interseccionalidade, descrevendo os elementos interseccionais de suas vivências como mulher negra e lésbica e desafiando as leitoras à ação política de nomear e resistir pela palavra em nome de uma classe que compartilha diferentes eixos de opressão. Trata-se de uma tarefa voltada para a crítica e a autocrítica, que convoca à busca pelas palavras, lacunas e silêncios.

Um dos silêncios propostos por Lorde, que, em sua supressão, sufocaria os indivíduos, era o erotismo. A autora reinventa as compreensões acerca do termo a partir de uma perspectiva de vivência do erótico sob uma conjuntura neoliberal racista-patriarcal. Enquanto o erotismo mélico do período arcaico era frequentemente retratado pela idealização frente ao objeto de desejo, a compreensão erótica proposta por Lorde convida a considerá-lo como uma arena para a discussão de poder, identidade, diversidade e resistência.

O ensaio "Usos do erótico: O erótico como poder" é composto por dois momentos: O de análise política e o de reivindicação do erotismo. No primeiro momento, a autora denuncia as estruturas patriarcais e racistas de opressão que permeiam a cultura e a história, argumentando que um dos principais aspectos da dominação feminina se dá por meio da supressão do erótico como fonte considerável de poder e informação. Na sociedade de classes, marcadamente atravessada pela dominação patriarcal de mulheres, o erotismo passa a provocar sensações de culpa e não merecimento, fazendo com que mulheres camuflam seus desejos, abdicando dos prazeres por considerá-los demonizados. Assim, o desejo, tal qual a escrita, passa a fazer parte do domínio masculino – e, segundo a autora, passa a ser frequentemente deturpado por homens e usado contra as mulheres. À essa distorção, Lorde denomina como “confusa, trivial, psicótica e plastificada” (p. 67).

A tomada do erotismo pelos homens é exposta pela autora de forma análoga ao processo de alienação do trabalho descrito pela perspectiva marxiana.

O horror maior de qualquer sistema que define o que é bom com relação ao lucro, e não a necessidades humanas, ou que define as necessidades humanas a partir da exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dessas necessidades – o horror maior de um sistema como esse é que ele rouba do nosso trabalho o seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização. Um sistema como esse reduz o trabalho a um arremedo de necessidades, um dever pelo qual ganhamos o pão ou o esquecimento de quem somos e daqueles que amamos. (Lorde, 2019, p. 68).

Assim como nas contraditórias relações de trabalho que tornam os sujeitos estranhos a si mesmos e ao seu entorno (Marx, 2002), mulheres descolam-se de suas vontades e prazeres em prol de uma redução pela dominação. Outra aproximação com a obra marxista ocorre em uma analogia em que a autora relaciona mulheres à formigas, de forma similar às noções de expropriação do trabalho propostas pelo autor. Para Lorde, as mulheres, por ocuparem uma posição social desprivilegiada, seriam “ordenhadas psiquicamente” por homens, tendo a sua “fonte de energia” erótica sugada para suprir o patriarcalismo, tal qual formigas suprem seus líderes com substâncias nutritivas. Essa rejeição ao erotismo e entrega ao poder patriarcal significa, para a autora, uma redução ao abuso e ao absurdo.

Já em um segundo momento, a autora delimita os eixos revolucionários do erotismo, que, segundo sua perspectiva, opera de várias formas, seja pelo gozo físico, emocional, psíquico ou intelectual, sendo sempre atravessado pela capacidade de *sentir*. A interlocução entre as esferas psíquica e emocional, denominadas pela autora como a dimensão “espiritual”, é inexoravelmente política, produzindo o que a autora chamaria das “paixões do amor em seus significados mais profundos”.

Nesse sentido, a expropriação do que a autora considera ser uma energia revigorante com potencial revolucionário produz uma costura crítica acerca das fronteiras entre o prazer e a opressão. Se Safo versava sobre o eros doce-amargo, Lorde transita entre os eros revolução-opressão – carregado da doçura potência transgressora e desobediente, mas igualmente amargo pela expropriação opressiva racista-heteronormativa. A leitura de sua obra convida a examinar as potências eróticas como uma força revolucionária provocadora e libertadora, que, ao desafiar as normas estabelecidas, fomenta a resistência e a desobediência de gênero.

Reconhecer o poder erótico nas nossas vidas pode nos dar a energia necessária para lutarmos por mudanças genuínas em nosso mundo, em vez de apenas nos conformamos com trocas de personagens no mesmo drama batido.

Pois não apenas entramos em contato com as fontes de nossa mais intensa criatividade, como também com o que é feminino e autoafirmativo diante de uma sociedade racista, patriarcal e antierótica. (Lorde, 2019, p. 74).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho conclui-se pelas provocações enunciadas pela poeta lésbica e militante Adrienne Rich²² desde a epígrafe: quando censuradas sob uma linguagem oculta, as experiências de mulheres que amam mulheres se tornarão indizíveis. Esta pesquisa, portanto, considerou a relevância do estudo do sofrimento social vivenciado por mulheres sáficas decorrente, dentre outros fatores, da aniquilação de suas memórias. O silenciamento de suas vivências e consequente deslegitimação de suas existências, atuantes em nome de um capitalismo patriarcal, racista, colonial e imperialista, contribuiu para a marginalização das tradições femininas e sáficas.

Por esta razão, propôs-se uma releitura da tradicional história da sexualidade, tendo como objetivo a historicização e análise crítica dos amores e erotismos entre mulheres na Grécia Antiga, bem como suas ressonâncias na contemporaneidade. Previamente à investigação, foram estabelecidos critérios para as compreensões históricas da sexualidade. Em relação à própria palavra, considerou-se necessária a adoção de uma perspectiva de “sexualidade” que contemplasse, além das práticas sexuais e reprodutivas, as vivências de intimidade, prazer e erotismo, possibilitando uma análise dialética dessas relações.

Ademais, foi realizada uma discussão acerca dos modos de se interpretar as interlocuções entre passado e presente, de modo a abranger as características concomitantemente inexportáveis e trans-históricas da realidade, evitando análises anacrônicas.

Na etapa de historicização das práticas foram investigadas as dinâmicas afetivo-sexuais em articulação com as condições sociopolíticas de mulheres no período. Foram identificadas a hierarquização da civilização, profundamente marcada por um sistema de escravização e restrição da democracia à parcela masculina da população, e a inferioridade política, social e jurídica de mulheres (Saffioti, 1976). Nesse contexto, observou-se a

²² Poetisa, ensaísta e ativista lésbica americana. A autora, nascida nos Estados Unidos, foi uma crítica da marginalização das mulheres lésbicas na literatura e na sociedade, cunhando termos de suma relevância para a epistemologia femista, como o “continuum lésbico” e a “heterossexualidade compulsória”.

centralidade do matrimônio não como uma instituição romântica, mas como forma de aquisição de cidadania e transmissão de bens (Boehringer, 2016).

Em um segundo momento, foram investigadas as representações poéticas presentes na obra de Safo de Lesbos. O estudo do uso do eros mélico sáfico, similar ao uso de demais poetas do período, corroborou a tese de Boehringer (2022) acerca da inexistência de uma percepção identitária atrelada à orientação sexual na Antiguidade. Assim, mulheres que se relacionavam com mulheres de forma afetiva e/ou erótica não se distinguiam da população geral a partir de categorizações, uma vez que seus envolvimentos interpessoais não constituíam elementos fixos que dissessem algo sobre os sujeitos. A obra erótica de Safo também demonstra que as composições líricas homoeróticas femininas eram cantadas em público sem que fossem evocados aspectos de condenação moral, social ou quaisquer sensações de vergonha por parte do eu lírico.

Na contemporaneidade, é possível identificar as similaridades com essas dinâmicas sociais antigas e se questionar se, atualmente, pode-se dizer que mulheres gozam de uma cidadania plena tal qual homens brancos. Os altos índices de violência relatados na introdução desta pesquisa, bem como a negligência médica vivenciada por mulheres sáficas em consultas ginecológicas, por exemplo, quando não são solicitados exames básicos para os cuidados com a saúde sexual, indicam que não. Passados mais de dois mil anos da civilização grega, conclui-se que ainda há, ainda, uma luta contínua pelo acesso a direitos cidadãos básicos e pelo respeito às identidades dissidentes.

Os frequentes ataques LGBTIAPN+fóbicos, alicerçados em uma perspectiva naturalizante da heteronormatividade, também sugerem a necessidade de um movimento de resistência contínuo. As contribuições da autora Audre Lorde, neste cenário, apontam para a urgência de uma radicalização teórica e *prática* desse grupo minoritário que é dupla, tripla, quádrupla ou mesmo quintuplamente oprimido – no caso de mulheres trans, pretas e/ou pobres. Os aspectos revolucionários do uso da escrita como e do erotismo como táticas de resistência política contrárias ao sistema hegemônico branco e patriarcal proposto pela autora corroboram uma perspectiva politizante e emancipatória necessária.

Pesquisas futuras poderão esmiuçar com maior detalhamento obras de outras autoras e autores dos períodos clássico e arcaico, estendendo também para uma análise do período helenístico, não contemplado nesta pesquisa. Ademais, poderão ser articuladas com maior profundidade as bases teóricas de Lorde e as particularidades materiais e históricas da conjuntura brasileira, que certamente elucidarão caminhos para a construção de projetos de emancipação subjetiva e política no território.

Conclui-se a urgência na nomeação das experiências sáficas, uma vez que não falar sobre as sexualidades femininas dissidentes significa não pesquisá-las, não legitimá-las e, assim, contribuir para uma reprodução social violenta que negligencia os avanços nos direitos sexuais, de saúde e assistência a este grupo invisibilizado. Por fim, compreende-se que este apagamento exige da Psicologia um diálogo constante com demais áreas do conhecimento, bem como um compromisso ético-político com o combate às opressões.

REFERÊNCIAS

AMOROZO, M. **Comissão da Câmara aprova projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo.** CNN Brasil, Brasília, 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em: 25 out. 2023.

ANDRADE, T. B. C. **A referencialidade tradicional na poesia de Safo de Lesbos.** 2019. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ARAGUSUKU, H. A.; LARA, M. F. A.. **Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, n. spe3, p. e228652, 2019.

ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022.** Acontece Arte e Política LGBTI+: – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

BAPTISTA, J.; BOITA, T. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 5, 108-119, set. 2017. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/70a5e644/a393/463e/a32c/38a11c4c671c.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023.

BRAMBILLA, B. B.; KAHHALE, E. M. S. P. O nó exploração-dominação-opressão e a fusão classe-raça/etnia-gênero segundo a Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B. et al. (org.). **Psicologia Sócio-Histórica: contribuições à leitura de questões sociais.** São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP. São Paulo, 2022. 81-106 p.

BOEHRINGER, S. **Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana**. Tradução: Iraci Poleti. 1. ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2022. 474 p.

BOEHRINGER, S. **Sociedades Antigas: Grécia e Roma**. In: STEINBERG, Sylvie et al. (org.). Uma história das sexualidades. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. Parte 1, cap. 1 e 2, p. 20-47.

CALAME, C. **Eros na Grécia Antiga**. 1. ed. Local: Perspectiva, 2013. 264 pag.

COLLINS, P. H. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**. In: MORENO, R. (org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. 91 p.

DA LUZ, A. L. E.; DE MIRANDA, J. D.; SILVA, A. H. S. Afeto e (Des)Humanização: a literatura negra lésbica como instrumento de luta. **Gênero na Amazônia: Dossiê Mulheres, Política e Poder**. n. 15, p. 133-143, 2019.

DEVEREUX, G. **The Nature of Sappho's Seizure in Fr. 31 LP as Evidence of Her Inversion**. *Classical Quarterly*, vol. 20, 1970. p. 17-34.

DOVER, K. **Greek Homosexuality**. Londres, Duckworth, 1978.

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>. Acesso em 19 de setembro de 2023.

FLORENZANO, M. B. B. Pólis e oikos, o público e o privado na Grécia Antiga. **Anais do I Simpósio Regional de História Antiga**. Rondonópolis, Mato Grosso, 113-118. 2001. Disponível em: http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/florenzano_polis_e_oikos.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 153 p.

HALPERIN, D. **One Hundred Years of Homosexuality**. Nova York/Londres, Routledge, 1990.

HALPERIN, D. **Prefácio**. In: BOEHRINGER, Sandra. Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana. São Paulo: Editora Unifesp, 2022. p. 09-17.

IDIER, A. **Archives des mouvements LGBT+: une histoire des luttes de 1890 à nos jours**. 1. ed. França: Textuel, 2018.

JORDAN, M. D. **La invención de la sodomia en la teología cristiana**. Barcelona: Editorial Laertes. 2002.

LEITE, L. B. R.; SANTOS, N. G. S.; BOEHRINGER, S. A sexualidade tem um passado? Do éros grego à sexualidade contemporânea: questionamentos modernos ao mundo antigo. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 10, n. 15, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/10538>. Acesso em: 10 de outubro de 2023

LEITE, E. V. **Contornos da Decisão do STF Sobre as Uniões Homoafetivas e a Possibilidade de Conversão das Citadas Uniões em Casamento**. 2011. 15 p. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em Direito Constitucional) - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral 2011. Disponível e: <https://www.defensoria.ce.def.br/wp-content/uploads/2015/02/Contornos-da-Decis--o-do-STF-Sobre-as-Uni--es-Homoafetivas-e-a-Possibilidade-de-Convers--o-das-Citadas-Uni--es-em-Casamento.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2023.

LORDE, A. **Irmã Outsider - ensaios e conferências**. Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 261 p.

MAGALHÃES DOS SANTOS, M. **Eros no oikos: Relações de gênero e representações da espacialidade e da sexualidade feminina em Atenas do V século a.C.** 2018. Tese (Doutorado em História) - Faculdade Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2002. 198 p.

NOGUEIRA, L.; PEREIRA, M.; TOITIO, R. **O Brasil fora do armário: diversidade sexual, gênero e lutas sociais**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020. 198 p.

Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil. (2022). **Dossiê: Mortes LGBTI+ 2022**. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>. Acesso em: 29 de setembro de 2023.

POLESSO, N. B. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação e crítica**, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653/139437>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 317 p.

QUINALHA, R. **Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022. 192 p.

ROWELL, C.; LORDE, A. **Above the Wind: An Interview with Audre Lorde**. Callaloo, v. 23, n. 1, p. 52-63, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. 384p.

STEINBERG, S. **Uma história das sexualidades**. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 328 p.

SILVA, L. L. T.; GONÇALVES, J. W. **O lugar da mulher ateniense: entre o oikos e a polis**. In: II Encontro Internacional Fronteiras e Identidades, 2014, Pelotas. Anais II. II Encontro

Internacional Fronteiras e Identidades, Rio Grande do Sul, 2014, v. 1. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/eifi/arquivos eletronicos/66.pdf>. Acesso em: 13 set. 2023.

SILVEIRA-BARBOSA, P. Boca a boca: sobre como nós, lésbicas, chegamos até aqui. **Revista Periódicus**, [S. I.], v. 1, n. 19, p. 123-133, 2023. DOI: 10.9771/peri.v1i19.52755. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/52755>. Acesso em: 10 out. 2023.

TERUEL COELHO, R. **A tradição judaico-cristã e a homofobia: substratos ideológicos de um preconceito**. Cadernos de Gênero e Diversidade, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. DOI: 10.9771/cgd.v1i1.13945. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/13945>. Acesso em: 25 out. 2023.

TOLEDO, L. G. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. 235 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. – UNESP, Assis, 2008.